

[MARINA SEIBERT CEZAR]

Graduada em Tecnologia em Moda e Estilo (UCS/RS), especialista em Cultura de Moda (Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo), mestre em Moda, Cultura e Arte (Senac-SP). Formada pela Arts University College (Bournemouth, Inglaterra). Docente da Universidade Feevale e responsável pelo Grupo de Pesquisa do Centro de Design, Novo Hamburgo (RS).

E-mail: marinac@feevale.br

A estética como comprovação da devoção¹

Aesthetics as devotion comprovation

[97]

[resumo] O presente estudo tem como premissa investigar os princípios da moda a partir de valores regidos pela fé, potencializados nas mulheres que seguem os preceitos da religiosidade evangélica radical. A investigação propõe criar um panorama entre as experiências vestimentares orientadas pelos princípios canônicos dessas devotas e os vetores que sustentam o ciclo da moda. Por meio desta pesquisa, aborda-se a impulsão da comunicação visual exercida sob um novo ângulo de observação de discurso social e de comportamento de massa.

[palavras-chave]

moda; religião evangélica; estética, vestimenta.

[abstract] The present study has as premises to investigate the fashion principles from values driven by the faith, which can be observed in women that follow orthodox gospel church precepts. The investigation proposes to create a scenery between clothing experiences oriented by the canonic principles of those women and the vectors that sustain the fashion cycle. Through this research, the main forms of aesthetic language are approached, as well as the visual communication accomplished from a new observation angle of social discourse and mass behavior.

[key words] fashion; gospel churches; aesthetics; clothing.

A representação visual da massa

Inicialmente, moda e religião podem ser percebidas como vertentes bem distantes. De um lado, a moda tende à efemeridade; de outro, a religião converge para o continuísmo. A moda lida com a temporalidade e a aparência como engrenagens cíclicas; a religião diz respeito ao tradicionalismo, muitas vezes hereditário. Mas é possível que dialoguem entre si quando vistas sob a óptica da comunicação visual e das formas de socialização.

Ao confrontar a linguagem da moda com o universo religioso, cobrir o corpo passa a ser um enunciado de valores, equivalendo-se a protestos silenciosos, e vale recordar que "(...) em várias sociedades as pessoas vestem-se conforme preceitos de fé e a roupa passa a ter funções místicas" (GARCIA; MIRANDA, 2007, p. 32). Assim, quando a mulher é evangélica radical, ela assina simbolicamente um contrato de aparência ao qual adequará não somente suas atitudes, mas também seu guarda-roupa, projetando visualmente os valores que defende. Digno de nota, lembremos que a conversão implica uma experiência religiosa que ocorre internamente e que exige uma nova postura moral perante a vida (ALMEIDA, 2009).

No universo da religião evangélica radical², pouco é falado sobre a roupagem feminina, o que se explica por uma questão de prioridade: o que as devotas devem realmente considerar são seus atos, e não suas vestes. A estética jamais poderá sobrepor-se às atitudes (morais), e, dessa forma, é vista como algo menor, sem importância. Nesse viés, Schmidt, escritora evangélica, justifica por intermédio da Bíblia que é o "espírito" da mulher que determinará o tipo de vestimentas. Ela deve preservar uma imagem em nome da devoção, que consequentemente guiará seu gosto:

Em vez de dar uma lista de regras sobre vestimenta, Paulo apela à modéstia e bom-senso das mulheres. Uma mulher cujo entendimento é baseado nos princípios das Escrituras e cujo coração é dedicado a Deus, vestir-se-á decentemente. Ela não vai procurar chamar atenção por meios carnais, pelo uso de roupas dispendiosas, fora da normalidade do ambiente ou que expõem o corpo ou suas formas. Pedro fala do espírito "manso e tranqüilo" como base das roupas apropriadas. (SCHIMIDT, 2007, p. 231)

Apesar desses apelos, é inevitável que as mulheres discorram sobre o assunto, mesmo que isso traga certo incômodo, como comprova um comentário de Hughes (2005, p. 88), ministrante de ensinamentos bíblicos para grupos cristãos femininos: "Desde o dia em que uma menina abre pela primeira vez uma revista de moda até a sua vida adulta, as roupas serão sempre um importante tópico de discussão. É surpre-

endente o quanto falamos em roupas, ao contrário da Bíblia que fala pouco sobre o assunto". Esse desconforto também foi perceptível em uma das entrevistas realizadas para a pesquisa quando, à medida que se somaram mais perguntas a respeito da indumentária, mais escorregadias e vazias de objetividade eram as respostas. A cristã entrevistada, por vezes, colocava clara a categoria de supérflua, ao tentar converter a conversa a outro rumo, quando verbalizava que: "(...) nós vamos falar sobre as vestes, com certeza, mas Deus quer hoje, aqui, mudar totalmente a vida de vocês, tão (sic) entendendo?" (informação verbal)³.

Segundo o evangelho radical, o único adorno que elas realmente precisam para seguir com a vida espiritualizada é a obra da caridade, e não da materialidade: "Nossa roupa deve realçar nossas boas ações, não obscurecê-las. E nossa aparência deve refletir nossa obra para o Senhor" (HUGHES, 2005, p. 169). A autora enfoca ainda que as fiéis devem se vestir para agradar a Deus.

Levando-se em consideração que os signos vestíveis tornam-se uma ferramenta de expressão que se manifesta como espelho, se esse "reflexo" não for honrado, da mesma forma a mente não será. É o que pressupõe Demoss (2005, p. 105): "Uma aparência exterior decente reflete um coração sábio e decente. Trajes indecentes são indícios de um coração imoral e insensato". É importante que se mantenha a prudência visual, pois o ato de se enfeitar traduz um interior não sadio. Malcolm (2003, p. 33) também questiona: "Será que ficará menos atraente se sua prioridade for agradar o Senhor?"

Vale lembrar que a idolatria e o uso de amuletos são considerados práticas mundanas, pois, de acordo com uma das visões do Livro Sagrado, Deus não está em um objeto, mas sim na imaterialidade que guia a fé. "Como boa parte das igrejas evangélicas, herdeiras da tradição protestante que nega a intermediação dos santos entre o homem e Deus e rompe com o uso de qualquer tipo de imagem e objeto sagrado (...)" (ALMEIDA, 2009, p. 71), pode-se estender essa significação da renúncia a objetos de adoração para elementos que contribuam para a formação de uma aparência desmedida.

[90]

Vaidade e beleza

O conceito evangélico de vaidade não está muito distante do universo da prostituição. Entretanto, faz-se necessário, primeiramente, compreender e confrontar os significados da mesma palavra nas duas visões: aos olhos devocionais e aos dos descrentes.

Se para muitas mulheres a vaidade reflete algo positivo relacionado à autoestima, para as crentes ortodoxas a representação é distinta. Existe um zelo que abrange a higiene e a saúde, práticas necessárias e aceitas para um bem-estar. Mas, a partir do momento que esses cuidados extrapolam esse "bem-estar" tais práticas não são consideradas saudáveis. Segundo a visão dogmática, tal conceito remete a superficialidades expressas em alterações da imagem pessoal por meio de técnicas estéticas que acabam chamando a atenção, em especial dos homens, o que pode causar promiscuidade ou uma vulgarização do visual naquelas que beatificam a luxúria. Nesse sentido, o evangelho radical identifica que é a naturalidade que diferencia a mulher que é virtuosa daquela que é soberba: "(...) a mulher deve ter bom gosto, sensibilidade e simplicidade, em contraste com os excessos e a falsidade que permeiam as mulheres que não servem a Deus" (SCHIMIDT, 2007, p. 90). É apenas com trajés respeitosos que elas conseguirão refletir seu propósito de piedosa e humilde. A ostentação sugere não somente infâmia, mas desrespeito ao seu marido, à família e ao seu próprio Criador.

Uma das visões bíblicas sobre a vulgaridade no modo de vestir é encontrada no capítulo 4, em Isaías, quando conta a história de sete mulheres de Jerusalém consideradas arrogantes e muito criticadas pela ganância e por serem vãs. Elas usavam vestidos vergonhosos pela sua sensualidade. Tamanha foi a vergonha, que Deus tirou delas todos os seus complementos de beleza. Nos versículos 18 a 23 do capítulo 3 do

livro de Isaías, encontramos:

Naquele dia tirará o Senhor o enfeite das ligas, e as redezinhas⁴, e as *luetas*. Os pependentes, e as manilhas, e os vestidos resplandecentes. Os diademas, e os enfeites dos braços, e as cadeias, e as caixinhas de perfumes e as arrecadas. Os anéis, e as jóias pependentes do nariz. Os vestidos de festa, e os mantos, e as coifas, e os alfinetes. Os espelhos, e as capinhas de linho finíssimas, e as toucas e os véus. (BÍBLIA, 1969)

Para as evangélicas ortodoxas, esses trechos são considerados advertências a quem edificar o erotismo e a imprudência sexual, catalogados como atitudes impuras.

Além disso, aquela que cultua a própria beleza demonstra um íntimo relacionamento com seu ego, que prenuncia um sentimento de autovalorização e cultivo do prazer próprio, o que denota egoísmo, e este sentimento pode ser considerado um pecado. Lembremos de Timóteo, capítulo 3, versículo 2: "Porque haverá homens amantes de si mesmos (...)" (BÍBLIA, 1969). Essa significação se encontra em atos nos quais o indivíduo se coloca em primeiro lugar, diferente do modelo de comportamento sacrificador de Jesus. A procura por privilégios faz com que certas percepções sejam alteradas. Schmidt (2007, p. 359) esclarece: "(...) a vaidade está diretamente ligada ao alimento do ego. O ser humano foi criado para glorificar a Deus, mas o pecado danificou esse senso de glorificação e agora o faz buscar a glória pessoal". Logo, se nada é mais importante do que o Criador, os não cristãos contradizem essa versão, uma vez que, ao cuidarem excessivamente de si, se colocam em primeiro plano.

As fiéis entendem que o corpo feminino é propriedade divina; por esse motivo, faz sentido pensar que elas devam manifestar a imagem do seu Criador, afinal, acreditam: foi Deus quem criou o homem. Assim, o corpo mostrado socialmente é esculpido à luz das disciplinas cristãs, e para as devotas seria uma afronta alterar algo de tamanha representatividade divina. A função terrena do corpo físico é fazer as boas ações, e este não deve se prestar ao exibicionismo. Alterar a visualidade do corpo é tentar manipular uma obra perfeita, já que foi criada por Deus. Para Vigarello (2006, p. 37-38):

A modernidade prolonga à sua maneira as velhas críticas religiosas associando maquiagem à impureza. As críticas de São Jerônimo e de Tertuliano, entre outras, diferenciam a estética natural "Obra de Deus" e a estética artificial "Obra do Diabo". Os tratados de beleza do século XVI, as memórias, as narrativas, refletem de fato a antiga recusa religiosa aos cosméticos, pós e óleos preparados

quimicamente. A beleza não pode ser "buscada", pois é "dada" por Deus.

Segundo a doutrina evangélica: "É impossível 'fabricar' a verdadeira beleza, de fora para dentro, porque para que ela se manifeste permanentemente é necessário o seu equivalente interior" (SCHIMIDT, 2007, p. 57). Mahaney, também devota, aponta que a mulher que é insatisfeita com o seu corpo é uma pessoa ingrata, pois não sabe valorizar um presente divino. E a fim de doutrinar suas leitoras, ela se interroga: "Existe algo em minha aparência que eu gostaria de mudar, ou sou plenamente grata a Deus pela forma como me criou?" (MAHANEY, 2005, p. 46). Ela argumenta que Deus determina a aparência de cada uma, portanto seria impensável questionar suas escolhas. Mahaney lembra ainda que nunca gostou de suas mãos grandes e dedos longos, mas, ao se converter, se permitiu enxergar que eram, na verdade, dádivas divinas para auxiliá-la nas tarefas domésticas e nas caridades.

De acordo com essas cristãs, as mulheres estão obcecadas pela aparência e a falta de um guia espiritual faz com que muitas se "percam" e se deixem moldar pelos padrões mundiais. Hughes (2005, p. 89) é radical: "Quando Cristo muda nosso coração, ouvimos sua voz acima do clamor de revistas de moda e promessas de poder". Chamando a atenção para as frustrações que atingem as mulheres que seguem a estética dominante, Schmidt (2007, p. 58) acrescenta: "As mulheres mais belas do mundo são, via de regra, as mais frustradas e infelizes no casamento ou na vida sentimental". Desse modo, segundo os ensinamentos bíblicos, a procura pela beleza física pode acarretar sentimentos ruins, o que não justifica sua busca.

É pela efemeridade da moda que as evangélicas alertam sobre a existência de influências não cristãs. Schmidt (2007, p. 231-232) denomina essas influências de liberalismo e indica que, por meio do modo de vestir, é possível identificar a perversidade: "O vestuário feminino tem sido alvo do marketing de Satanás com o objetivo de estipular a concupiscência dos olhos e os instintos do pecado. Por meio da roupa, o inimigo parece que está se tornando virtuoso na luta contra Jesus". Caso as mulheres se vistam de acordo com suas preferências, serão pretensiosas a ponto de acharem que não precisam de uma governabilidade, e isso é motivo de vergonha, já que, segundo o olhar crédulo, ninguém é tão autossuficiente que não precise de algo maior – entenda-se Deus – para guiar sua vida. Rejeitar essa condução significa orgulho e arrogância, atitudes repudiadas no mundo cristão, ao contrário da humildade tão reverenciada.

No entanto, o paradoxo desse preceito religioso sobre a estética reside no fato de que a aparência deve estar em segundo plano, mas as fiéis ortodoxas acabam se preocupando demasiadamente com sua imagem, que deve transparecer a modéstia, a humildade, bom coração etc., como alerta Schmidt (2007, p. 364): "Para a mulher cristã, cabe sempre a pergunta, ao vestir-se, se a roupa agrada a Deus, se é decente e apropriada para alguém que se diz de Cristo". Ou seja, as devotas condenam a preocupação exagerada com a aparência, por ser, muitas vezes, enganadora. Simultaneamente, elas procuram cuidar constantemente de sua imagem na intenção de demonstrar sua fé.

Ser diferente após a conversão é a prova de uma nova postura, não somente comportamental, como também visual. Quando a cristã se veste de forma honrosa, ela eleva o grau de legitimidade, tendo em vista que: "Nós, mulheres, somos portadoras da imagem de Deus" (HUGHES, 2005, p. 91). Em concordância com isso, uma das entrevistadas na pesquisa afirma que "(...) começa uma mudança total nas nossas vidas, total. Hoje, qualquer congregação pode nos pegar como testemunhas vivas do que nós éramos e o que somos hoje" (informação verbal). A conversão da mulher, e por consequência sua nova aparição pública, é tão proeminente que ganhou uma expressão própria: "crente recém-nascida". É como se o sagrado ficasse visível (KLEIN, 2006). Assim, ao nascer de novo, o sujeito marca essa mudança, o que fideliza ainda mais essa passagem.

A saia

Uma das peças do vestuário mais representativa do estereótipo de uma cristã radical é a saia, usada, preferencialmente, abaixo do joelho. Com ela, a mulher consegue se apresentar distinta do homem, já que na atualidade é considerada uma das separações visuais mais evidentes de sexos, uma vez que é de uso exclusivo feminino, salvo algumas exceções. A diferenciação é a questão primordial para seu uso. Em Deuteronômio capítulo 22, versículo 5, Deus disse: "Não haverá traje de homem na mulher, e não vestirá o homem vestido de mulher: porque, qualquer que faz isto abominação é ao Senhor teu Deus" (BÍBLIA, 1969).

Para reforçar esse conceito, Lipovetsky (1989) sustenta uma teoria chamada de processo de diferenciação ostensiva que consiste em produtos de moda que são designados exclusivamente a um gênero. O intuito desse processo é acentuar os gêneros e colocá-los em oposições.

A saia ainda faz fortemente parte do imaginário masculino, assim como outras peças ditas como símbolo do feminino, como o salto agulha e a lingerie. Hollander (1996, p. 80) concorda e ainda acrescenta que as saias "(...) constam como um elemento original e puramente feminino. Desde seus começos no século XVI, nunca foram tomadas como empréstimo pelo vestuário masculino normal".

Mas de nada adiantará a evangélica adotar a saia se seu comprimento sugerir ousadia – expor uma considerável parte da perna desvia a atenção para um apelo carnal. Steele (1997, p. 140) aponta: "As pernas são o caminho para os genitais. (...) Para muitos homens, o efeito é o de setas apontando para a Terra prometida (...)". Esse efeito é acentuado quando se usa meia fina, especialmente as escuras com costuras aparentes na parte de trás. Por essa razão, as fiéis evitam usar meias pretas, pois estas evocam a sombra de uma perna nua. Daí a preferência pelas tonalidades opacas, beges e lisas, que neutralizam um tipo de fetichismo despertado pela exposição parcial do corpo.

A desaprovação ao comprimento das saias tem registros na história. Em 1925, o arcebispo de Nápoles culpou as mulheres (vanguardistas) e a exposição exacerbada de suas pernas – do joelho para baixo – pelo devastador terremoto em Amalfi, segundo ele, manifestação da ira de Deus. Era o sinal divino para uma vergonha que deveria ser escondida novamente (EMBACHER, 2004).

Por outro lado, a calça é considerada símbolo de independência e igualdade feminina. A origem simbólica da calça ainda remete à encenação da fuga, representando as pernas funcionais que podiam se articular. As mulheres queriam mostrar que também tinham membros com músculos que funcionavam tão bem quanto os dos homens e que não serviam apenas para dançar e entretê-los (HOLLANDER, 1996). Não é difícil, portanto, compreender por que não são recomendadas às mulheres na doutrina evangélica.

O cabelo

Outra simbologia típica na aparência cristã são os longos cabelos, preferencialmente presos. Biblicamente, o cabelo é considerado o véu da mulher e é seu dever cobrir a cabeça com tal manto. Por muito tempo, o véu foi considerado um sinal de distinção entre os sexos e de submissão feminina. Esse símbolo trouxe de volta o estado de humildade feminina, o autocontrole de seus atos e pensamentos. Em Coríntios, capítulo 11, versículos 4 a 7 e também no versículo 10, identifica-se a origem dos ensinamentos discriminados:

Todo o homem que ora ou profetiza, tendo a cabeça coberta, desonra a sua própria cabeça. Mas toda a mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta, desonra a sua própria cabeça, porque é como se estivesse rapada. Mas, se para a mulher é coisa indecente tosquiarse ou raparse, que ponha o véu. O varão pois não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e glória do varão. (...) Portanto, a mulher deve ter sobre a cabeça sinal de poderio, por causa dos anjos. (BÍBLIA, 1969)

Como representação do véu, o cabelo longo surge como que uma espécie de sacramento postíço. A sacralização é tanta que fica exclusivo às mulheres esse poder de simulação, pelo qual a Bíblia faz a pessoa analisar, a partir do discernimento próprio, quando nos versículos 13, 14 e 15 do mesmo salmo alerta:

Julgai entre vós mesmos: é decente que a mulher ore a Deus descoberta? Ou não vos ensina a mesma natureza que é desonra para o varão ter cabelo crescido? Mas ter a mulher cabelo crescido lhe é honroso, porque o cabelo lhe foi dado em lugar de véu. (BÍBLIA, 1969)

Solto, o cabelo é um sinal de descontração emocional. Ele, sem qualquer elaboração no penteado, lembra mulheres que são consideradas puras associadas, em especial, à Virgem Maria. Não interferir no seu modo original confirma sua inocência, naturalidade e sem intenções provocativas, demonstrações subliminares de dependência feminina. Em sua coroação, a rainha Elisabeth I adotou a cabeleira solta para lembrar seu status de virgindade, apelo que lhe rendeu a confiança de muitos. Da mesma maneira, durante muitos decênios, as noivas usavam seus cabelos soltos e simples, denotando submissão para com seu futuro marido (HOLLANDER, 1996). Entretanto, o cabelo muito livre, desgovernado e sem cuidado, pode ser considerado um sinal de vergonha. Sendo assim, enfatiza o arrependimento e a lamentação ao se mostrar ao natural.

O manejo dos fios sugere certa imprudência. Não por coincidência, as donas de casa da década de 1950 mantinham-no compacto e duro para simbolizar a predestinação de uma vida doméstica. Já nos anos 1920, foi questionado o ideal da imagem do rosto feminino. Foi então que Coco Chanel (1883-1971), sempre precursora, propôs o cabelo curto em nome de um estilo masculinizado, exaltando a independência e nivelando os sexos. Sua intenção era mostrar que as mulheres podiam ter as mesmas tarefas que os homens, e assim surgia um novo requisito feminino: cabelos curtos e flexíveis.

Em comprimento longo, o cabelo é uma ferramenta de sedução, podendo ser manipulado de acordo com a intenção da portadora: "O cabelo comprido sempre foi um atributo importante, na verdade, legendário, da feminilidade" (LURIE, 1997, p. 251). Até mesmo em contos de fadas de heroínas e mocinhas, o cabelo faz parte do figurino e do imaginário da personagem. Ainda hoje a ideia de Rapunzel persiste, quando as madeixas são mais compridas do que a média, proporcionando um significado tradi-

cional de afetividade, virgindade e ingenuidade romântica pela vida.

Já a negação do cabelo comprova ainda mais sua possível ligação erótica. É perceptível isso em monges e padres que tradicionalmente cortam-no rente ou até mesmo rapam a cabeça como sinal de celibato e autocontrole; da mesma forma, as freiras escondem-no por completo. Clément e Kristeva, ao mencionar o budismo, percorrem o sentido da não cabeleira como forma de demonstrar sua filosofia da impermanência e da indiferença. O querer expressar o nada subentende um estado de reserva permanente.

Por que a indiferença é tão constrangedora? Por que se raspam todas as cabeças, tanto as das mulheres quanto as dos homens? E, além disso, por que eliminar as cabeleiras? Há tantos exemplos... Consagradas, as cabeleiras das virgens; consagrados, os cabelos do bebê hindu jogados no rio de acordo com a regra, os das religiosas católicas que são cortados quando elas esposam Deus; consagrados, os nazirs de Deus no judaísmo, Sansão, a Virgem Maria, que, ao contrário, não os podem cortar durante o período dos votos. Consagrada, a mecha única do brâmane (CLÉMENT e KRISTEVA, 2001, p. 87-88).

O cabelo é também sinal de intimidade, exatamente como o da Virgem Maria, considerado algo sagrado e adormecido: "(...) manto de cabelo era uma dádiva pura de Deus como o tapete formado pelos lírios do campo, uma espécie de nudez substituta paradisíaca" (HOLLANDER, 1996, p. 78). Venerado, seus fios concedem, de modos variados, uma especulação sobre o âmago do visual.

Desse modo, é compreensível que as evangélicas mantenham os cabelos longos para simbolizar o véu e a obediência, como também evidenciar a diferença dos sexos. Além disso, prender o cabelo com um coque não muito alto, uma maneira de não exibi-lo sensualmente, também é recomendado, pois a nuca representa uma parte fálica do corpo.

[104]

Mensageiras do evangelho

Todas essas normatizações nos auxiliam na compreensão de uma outra questão: a estética dominante dispõe de uma espécie de tratado visual que visa auxiliar na disseminação da religião evangélica. A aparência facilita a propagação do evangelho já que é uma comunicação que "discursa" ininterruptamente e que pode ser levada juntamente com sua portadora. As ocasiões para a pregação podem estar em qualquer hora e local, inclusive na linguagem visual, como as vestes. É importante a insistência na aparência, pois o gosto pelo repetitivo reflete o empenho da fiel em continuar no grupo. Além disso, uma roupa preta previsível e semelhante entre os membros do grupo garante a procedência, como aponta Canetti (2008, p. 73): "(...) mesmo quando aparecem individualmente, pensa-se sempre na sólida unidade à qual pertencem (...)".

Isso posto, percebe-se que é essencial que a visualidade esteja de comum acordo com a convicção da fé. As escolhas das roupas servem como um atestado de valores e são coerentes com a verbalização defendida. Esse revestimento do corpo facilita sua decifração aos olhos do outro, pois os elementos decorativos projetam claramente a escolha religiosa da mensageira, e "(...) permitem que os indivíduos transformem sua aparência em uma narrativa" (ERNER, 2005, p. 236). Essas indumentárias são, na verdade, ferramenta de visibilidade como forma de oportunidade para expressar coletivamente seus interesses.

Por ser um ofício do ministério, aquela que acredita, mas não divulga, está condenada a ser vista como uma mulher sem virtude, pois está ignorando um preceito fundamental da sua religião. As instruções são claras: "(...) arrepender-se por ter arre-dado o Senhor Jesus de sua conversação com outras pessoas. Qualquer desses pecados mostrará que você está vazio e morto, ou pelo menos, que você está no caminho da morte" (HINN, s/d, p. 94-95). A cristã ortodoxa tem uma responsabilidade perante Deus, uma vez que a servidão é um dom e esse dom carrega um alto dever. A religião é tanto dádiva quanto tarefa para o que crê (FRAAS, 2006).

NOTAS

^[1] Este estudo é um breve recorte da dissertação *Moda e religião: as devotas do espelho* defendida, em 2010, no Mestrado em Moda, Cultura e Arte no Senac, em São Paulo. Para saber mais, acesse: <<http://biblioteca.sp.senac.br/LINKS/acervo320482/Marina%20Seibert%20Cezar.pdf>>.

^[2] Nessa corrente do protestantismo, os fiéis estão sujeitos a rígidas normas de conduta, como a proibição do uso de calças e de cabelos curtos para as mulheres.

^[3] A pesquisa da dissertação de Mestrado contou com sete entrevistas que aconteceram em Novo Hamburgo (RS) entre 19 de abril e 29 de dezembro de 2008. Para garantir o anonimato, condição para a concessão dos depoimentos, o nome dos entrevistados foi omitido. Aqui, as citações referenciadas como "informação verbal" dizem respeito a essas entrevistas, em especial, com mulheres convertidas à religião. Para ter acesso à transcrição integral das entrevistas realizadas, consulte os Apêndices da dissertação.

^[4] O termo *redezinha* compreende um entrelaçamento de fios, com aberturas regulares, formando um tipo de tecido moldável ao formato da cabeça. As mulheres hebraicas usavam como ornamento (SCHIMIDT, 2007, p. 79).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo de. *A Igreja Universal e seus demônios: um estudo etnográfico*. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada: o velho e o novo testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

CANETTI, Elias. *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CLÉMENT, Catherine; KRISTEVA, Julia. *O feminino e o sagrado*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

DEMOSS, Nancy. Retrato da mulher insensata. In: _____ (Org.). *Elas por elas: o mundo feminino e a Bíblia*. São Paulo: Vida, 2005.

EMBACHER, Airton. *Moda e identidade: a construção de um estilo próprio*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.

ERNER, Guillaume. *Vítimas da moda?: como a criamos, por que a seguimos*. São Paulo: Senac, 2005.

FRAAS, Hans Jürgen. Teorias sobre a religiosidade. In: FOLLMANN, José Ivo; SCARLATELLI, Cleide da Silva; STRECK, Danilo (Org.). *Religião, cultura e educação: interfaces e diálogos*. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

GARCIA, Carol; MIRANDA, Ana Paula de. *Moda é comunicação: experiências, memórias, vínculos*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2007.

HINN, Benny. *A unção*. São Paulo: Bom Pastor, s/d.

HOLLANDER, Anne. *O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

HUGHES, Barbara. *Disciplinas da mulher cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

KLEIN, Alberto. *Imagens de culto e imagens da mídia: interferências midiáticas no cenário religioso*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LURIE, Alison. *A linguagem das roupas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MAHANEY, Carolyn. A verdadeira beleza. In: DEMOSS, Nancy (Org.). *Elas por elas: o mundo feminino e a Bíblia*. São Paulo: Vida, 2005.

MALCOLM, Kari Torjesen. *A identidade feminina segundo Jesus: princípios relevantes para a mulher de hoje*. São Paulo: Vida, 2003.

SCHIMIDT, Alaid Schiavone. *Pequena enciclopédia bíblica de temas femininos*. São Paulo: Arte Editorial, 2007.

STEELE, Valerie. *Fetice: moda, sexo e poder*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

VIGARELLO, Georges. *História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.